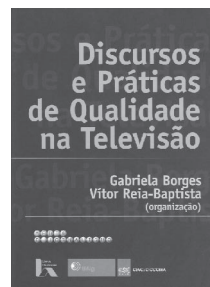


Dos discursos e práticas: caminhos para uma televisão de qualidade

Katia Peixoto dos Santos

BORGES, Gabriela; REIA-BAPTISTA, Vítor (Org.)
(2008). *Discursos e práticas de qualidade na televisão*. Lisboa: Livros Horizonte. 381 p.



Resumo: Dividido em argumentos discursivos e práticos, o livro reúne vinte artigos relevantes para o debate em torno do conceito de qualidade em televisão. Foram levantadas questões instigantes e atuais sobre o tema, que vão desde a teoria e a história, passando pela discussão das políticas públicas de regulamentação e o olhar do espectador, indo até a análise de videoclipe e programas de televisão em emissoras públicas e privadas de países da Europa e América Latina.

Palavras-chave: televisão de qualidade; análise do discurso e da práxis

Abstract: *On discourses and practices: paths toward quality in television* — Divided into discursive and practical arguments, the book offers twenty relevant articles to underpin a debate on the concept of quality in television. Instigating and current issues are raised about the theme, from theory and history to a discussion of public regulatory policies and the spectator's view to an analysis of video clips and television programs on public and private TV channels in European and Latin American countries.

Keywords: quality in television; analysis of speech and praxis

Reconhecendo a necessidade de se aprofundar em pesquisas relacionadas aos estudos de qualidade em televisão, comprovadamente escassos em Portugal e no Brasil, os organizadores Gabriela Borges e Vítor Reia-Baptista encaram o desafio de discutir esse tema apaixonante, polêmico e de difícil definição. Sendo esse o aspecto mais ressaltado no livro *Discursos e práticas de qualidade na televisão*, os autores e organizadores tomam o tema

qualidade à luz da inquietude teórica e prática. Eles revelam pesquisas atuais realizadas na Europa e na América Latina baseados em programas produzidos e transmitidos por países como Portugal, Brasil, Espanha, Argentina, México, Inglaterra e Itália.

Ao chamarem nossa atenção para a complexidade do tema, oportunamente, dividem o livro em duas partes, sendo a primeira intitulada *Discursos de qualidade*, composta de quatro capítulos: “Teoria e história”, “Regulação”, “Modelo” e “Literacias”. Esses capítulos, ao nos fazer atentos às problemáticas televisivas, redesenham o caminho percorrido pela televisão nos mais de cinquenta anos de existência.

A segunda parte, intitulada *Práticas de qualidade*, é composta de três capítulos: “Narrativas ficcionais”, “Programas infantis” e “Jornalismo”. Privilegiando o estudo da práxis televisiva, evidencia a complexidade e a diversidade de gêneros abordados pelos autores. Podemos ver um amplo quadro de referências que vai desde o videoclipe, como no artigo de Arlindo Machado e Maria Lucia Velez, que analisaram o clipe de *Imitation of life*, do grupo R.E.M., até o de Beatriz Becker, que estuda qualidade e diversidade no telejornalismo, tendo como objeto a linha editorial do *Jornal Nacional* da Rede Globo.

Cientes da grande importância dos contextos históricos e teóricos para se compreender os processos televisivos, os autores concebem a televisão a partir de estudos que elucidam a questão de repertório e qualidade, presentes em seus mais de cinquenta anos. Arlindo Machado abre o livro convidando os leitores para uma nova maneira de pensar a tevê. Demonstra evidências de que a televisão, como qualquer outro meio de comunicação, pode produzir muitos formatos de qualidade, como filmes publicitários, novelas, seriados e documentários. O autor expõe uma lista de trinta exemplos relevantes, tomados como marca de qualidade. Com isso, é possível obtermos um amplo panorama de bons programas realizados e exibidos em emissoras de televisão de todo o mundo. Nesses exemplos, temos criações de diretores e realizadores como Jean-Luc Godard, Ingmar Bergman, Peter Greenaway, Jean-Christophe Averty, Ernie Kovacs, Roberto Rossellini e os brasileiros Marcelo Tas, Guel Arraes e Washington Olivetto — apenas para citar alguns exemplos. Com Jorge La Ferla, caminhamos ao passado em busca dos primórdios da invenção da televisão. Fica evidente o impacto cultural e artístico que ela provocou no ambiente criativo da época. Percorremos, ainda, os percalços dos canais comerciais da Argentina com a constatação da prioridade de ganho de lucro em detrimento da qualidade. Baseado em Arlindo Machado, o autor elenca quinze programas argentinos, considerados como propostas interessantes no decorrer da história da televisão argentina.

João Freire Filho constrói uma ligação entre o discurso positivo, deferido pela imprensa nacional nos anos 1950, a respeito do que era a televisão em sua implantação no Brasil, e o seu contraponto, evidenciado pelo desmoronar desse discurso nos anos 1960. Como eixo do artigo, o autor aponta essa dicotomia conceitual denunciada pela imprensa no decorrer da história da televisão no Brasil. O pacto assinado pela TV Tupi e Rede Globo, na década de 1970, como o início do dito “padrão Globo de Qualidade” se

contrapunha ao surgimento da emissora SBT, na década de 1980, responsável pela volta aos discursos e práticas que compactuam com o declinar da qualidade dos programas. João Freire deixa evidente a importância de conscientizar o leitor da urgência em formular um quadro teórico de referência consistente calcado na ética e na estética. A ideia é de pôr fim à oposição, nada construtiva, da elite cultural *versus* o populismo mercadológico. O autor descreve esse impasse como um cabo de guerra: “[...] de um lado; o quietismo mercadológico e o populismo cultural; no outro extremo, o elitismo e o etnocentrismo de classe” (p. 98). Quando se trata de consolidar o que seria qualidade na televisão, é importante lembrar a citação que João Freire faz de Frith (2000, p. 41): “a qualidade não descreve o que é boa ou má televisão, mas sim o contexto ideológico em que fazemos juízos sobre o que é e o que não é boa televisão” (p. 98).

Ao acompanharmos os autores no segundo capítulo, intitulado “Regulação”, adquirimos consciência da formulação dos modelos e sistemas que regulamentam a qualidade na televisão, tanto na Europa quanto no Brasil. O primeiro artigo aborda o cerne da conferência proferida por Alberto Arons de Carvalho, que se deteve sobre os caminhos percorridos pelas entidades regulamentadoras das mídias em Portugal. Arons examina o conflito histórico entre os serviços públicos e as operadoras comerciais, enfatizando os difíceis momentos pelos quais passaram todos os processos da regulamentação portuguesa. Ele diz: “A utilização das emissoras de rádio com fins propagandísticos pelos regimes nazi-fascistas, antes e durante a Segunda Guerra Mundial, e o clima de guerra fria, que depois se instalou entre o Ocidente e o leste, reforçam os monopólios estatais europeus” (p. 102). Com essa afirmação, podemos compreender o poder político e econômico que o monopólio estatal exercia sobre as mídias eletrônicas na Europa.

O artigo da brasileira Maria Eduarda Rocha se configura como uma importante contribuição para o conhecimento e o aprofundamento do processo histórico brasileiro das instâncias que atuam nas disputas políticas em torno dos modelos de radiodifusão. Ela elenca diversos atores: o governo, os movimentos sociais e as emissoras de canal aberto. Traça uma trajetória interessante que vai desde a década de 1960, na relação do Estado autoritário com as empresas privadas, passando pela criação, na Constituinte de 1987, do Conselho de Comunicação Social.

No capítulo “Modelos”, dois artigos discutem e reiteram a questão da qualidade no México, com Francisco Hernandez Lomelí, e, em Portugal, com Gabriela Borges. Ao dar um panorama nacional da situação evolutiva da televisão do México, Lomelí propõe um olhar otimista perante a história da televisão mexicana. Para fortalecer sua opinião, o autor mostra como as políticas públicas vêm crescendo desde 1993, dando como exemplo a reformulação do canal 11 que, com o êxito da programação infantil, se estabeleceu como grande aliado na questão da qualidade. A inauguração da rede EDUSAT, em 1995, um sistema de televisão educativa baseado na tecnologia-satélite digitalizada, vem ao encontro dessas melhorias. No estudo cuidadoso de Gabriela Borges, temos a oportunidade

de conferir as grades de programação do segundo canal da televisão portuguesa, o A2, emissora reconhecida por ter enfoques educativos, culturais, infantis e sociais.

Em “Literacias”, o quarto capítulo encerra com três artigos a primeira parte do livro. Vemos aqui a importância de se educar os telespectadores a se tornarem mais críticos, para, assim, participarem do discurso sobre qualidade. Elemento de extrema relevância quando se pensa em ter uma sociedade mais atuante perante as discussões sobre o tipo de televisão que se deseja ter. O estudo dos telespectadores se consolida como uma ferramenta de grande valia para se efetivar a discussão da prática em qualidade na tevê. Os três autores, José Ignacio Aguaded Gómez, Mar de Fontcuberta e Vítor Reia-Baptista, nos colocam a par dos estudos realizados na área de recepção e de opinião pública. Trabalham com a perspectiva de encontrar meios de educar a população para que ela tenha um papel crítico e ativo perante a televisão. José Ignacio Aguaded Gómez e Mar de Fontcuberta sabem que um público crítico é um público exigente. Em Vítor Reia-Baptista, a discussão contemporânea de contextos digitais e em rede é articulada com a questão dos direitos dos cidadãos em discutir os caminhos traçados pela mídia nesse novo século.

Os experimentos realizados pelas emissoras de televisão são enfatizados na segunda parte o livro. Ao contemplarmos “Narrativas ficcionais”, nos deparamos com análises de programas dramáticos centrados no fazer televisual, um amplo diagnóstico das tendências modernas dos gêneros televisivos, como no artigo de Yvana Fachine, que se debruça sobre os programas do Núcleo Guel Arraes da Rede Globo de Televisão. A autora mostra um panorama dos programas realizados no Núcleo desde a sua criação, em 1991. Expõe as bem-sucedidas adaptações de textos de escritores brasileiros e também realiza considerações acerca da desconstrução dos modelos da própria televisão, presentes em “Cena Aberta”. O artigo ainda cita as criações de Guel Arraes anteriores à criação do Núcleo, como *Armação ilimitada* (1985-1988), em que abrigou o elenco e a equipe de roteiristas integrantes do grupo teatral *Ausbrubal Trouxe o Trombone*, ícones de produção brasileira dos anos 1970.

Fernando Andacht se depara com as formas contemporâneas de se representar o real, partindo de elementos semióticos para contemplar a questão da tevê de qualidade. Ele realiza uma revisão do conceito estético de “realismo”, estabelecendo um relação entre *reality-show* — “registro detetivesco do copioso real fisiológico humano” (p. 239) —, “melo-realidade”, nos contextos dramáticos das novelas, e o “tele-realismo”, presente na série *Cidade dos Homens*.

Os “Programas infantis” não poderiam se ausentar desse estudo. Alessandra Carenzio e Mônica Duarte analisam aspectos relevantes dos programas realizados para crianças. Em Duarte, vemos os conceitos de equilíbrio e desequilíbrio, associados aos tópicos musicais presentes nas bandas sonoras de um quadro do programa infantil brasileiro *Rá-tim-bum* e, reiterando a questão, Carenzio estuda a qualidade com o público infantil e juvenil em programas da Itália: *GT Ragazzi*, *Screensaver* e *Avere Ventanni*, os dois primeiros exibidos pelo canal público RAI 3 e o último exibido pela MTV.

O capítulo “Jornalismo” apresenta dois resultados de estudos no Brasil e na Argentina. Marcela Farré define critérios para analisar a qualidade dos telejornais de dez emissões de cada um dos telejornais vespertinos dos cinco canais da televisão aberta na Argentina. Através de critérios referenciais, foram analisados de maneira discursiva: diversidade, alinhamento e duração dos temas, caracterização do apresentador, tipo de realização audiovisual, grau de verossimilhança, linguagem empregada pelos mediadores do canal e valores (ou falta deles). Esse artigo se configura como um estudo bem elaborado da situação do telejornal na Argentina.

Gabriela Borges e Vítor Reia-Baptista, na apresentação do livro, assumem o compromisso em discutir qualidade em televisão — um dos conceitos mais abordados desde a década de 1980. Problematizando os discursos e as práticas em televisão, na diversidade de suas temáticas, o livro nos dá um panorama teórico-metodológico dos aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais, éticos, estéticos e pedagógicos da televisão em Portugal, Brasil, Argentina, México, Inglaterra e Itália. A proposta dos organizadores enriquece e estimula as pesquisas atuais sobre o tema.

KATIA PEIXOTO DOS SANTOS é professora e fotógrafa, doutoranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação — Estética do Audiovisual — da ECA-USP. Atualmente, leciona a disciplina Cinema, Rádio e TV, no curso de Comunicação Social da FAC-FITO.

katia.peixoto@gmail.com